

## A Poesia Brasileira Contemporânea em Estilo Épico

Denise Freire Ventura<sup>1</sup>; [denisefventura@gmail.com](mailto:denisefventura@gmail.com) (Faculdade de Letras)

Jamesson Buarque de Souza<sup>2</sup>; [jamessonbuarque@gmail.com](mailto:jamessonbuarque@gmail.com) (Faculdade de Letras)

PALAVRAS-CHAVE: épica, contemporânea, pertinência

### 1 INTRODUÇÃO:

A poesia brasileira na modernidade tem sido tema de muitos estudos que apresentam uma incansável empreitada de experiências em busca do novo. No entanto, não é comum se encontrar estudos voltados à poesia em estilo épico, apesar da larga produção nesse sentido, podemos citar como exemplo dessa produção as obras que serão aqui estudadas *Invenção do Mar* de Gerardo Mello Mourão e *Latinomérica* de Marcus Accioly, que não somente se inscrevem no estilo épico como também são antagônicas entre si, e, por isso, oferece-nos uma visão variada de tal estilo.

Assim a pesquisa buscou empreender uma análise teórica sobre a poesia em estilo épico a fim de demonstrar a pertinência do estilo na atualidade bem como descrever como a poesia em estilo épico se apresenta atualmente nos poemas-livro em questão.

Discutiremos dois pontos principais que dizem respeito à poesia em estilo épico, sendo eles a relação entre épica e história, bem como épica e romance, convergindo ao final como já dissemos para a questão da pertinência do estilo épico na atualidade, finalizando desta forma o plano de trabalho “A poesia brasileira contemporânea em estilo épico” e ainda o projeto “Presença do estilo épico na poesia brasileira moderna e contemporânea”.

### 2 OBJETIVOS:

---

<sup>1</sup> Aluna de graduação da Faculdade de Letras da UFG, bolsista PIBIC/CNPq, do 7º. Período da Licenciatura Plena em Português.

<sup>2</sup> Professor de Teoria da Literatura e Ensino de Literatura da Faculdade de Letras da UFG e do Programa de Pós-graduação (Mestrado/Doutoramento) da mesma instituição, autor de artigos, ensaios e capítulos de livro em poética, estudos da metáfora, estudos de criação e ensino de poesia. Poeta, autor de *Novíssimo testamento* (CEGRAF/UFG, 2004), *outra troia* (artepaubrasil, 2010) e *Pluviário perpétuo* (PUC/GO, 2011) Revisado pelo orientador.

As pesquisas relativas à poesia épica atualmente configuram-se de grande importância, pois englobam não só as questões relacionadas ao estilo épico mas também os estudos tão largamente feitos sobre os gêneros literários. Assim temos como objetivo contribuir com os estudos referentes ao poema em estilo épico e à poesia brasileira contemporânea.

Espera-se ainda contribuir com os Estudos Literários, e, mais especificamente, com a Teoria da Literatura, no que se relaciona ao problema da pertinência de obras em estilo épico na Literatura Brasileira da contemporaneidade.

### **3 METODOLOGIA:**

Quando se trata de estudos referentes à poesia épica, não podemos deixar de sinalizar a presença da história neste tipo de poema. Esta relação entre poesia e história vem desde Aristóteles, conforme sua reflexão no IX capítulo da *Poética*. Assim, aqui buscaremos descrever qual fundamento de historicidade em geral há na poesia brasileira contemporânea em estilo épico, no sentido de apontar os eventos históricos presentes nas narrativas, bem como as diferenças estilísticas entre as obras de Marcus Accioly e Gerardo Mello Mourão, sempre levando em conta a pertinência do estilo épico.

Foram feitas a leitura de teóricos como Aristóteles (2005), Le Goff (2003), Candido (2009), Leite (1995), Robert (2007), Hansen (2008) e outros, atentando para o que tais autores dizem sobre poesia épica com relação à História<sup>3</sup> e sobre a existência ainda de tal poesia no mundo moderno e contemporâneo.

Consideremos então que estudar poesia épica atualmente tem se mostrado um desafio, diante das inúmeras afirmações de que não existe mais tal gênero ou que este teria se transformado em outro (evoluído). No caso, a poesia épica teria evoluído para o romance, como asseveraram Hegel (1997, p. 433-510), Lukács (2000, p. 25-54) e Bakhtin (1993, p. 397-428). Este último teoriza que a partir da romantização no século XVIII, o gênero épico, e principalmente a epopeia, adquire um caráter de estilização, ou seja, tal poesia deixa de ter seu caráter totalitário e arbitrário, passando a fragmentário e relativo, visto que não há mais

---

<sup>3</sup> História com H maiúsculo se refere à História Científica já história com h minúsculo refere-se a uma simples narrativa de fatos.

uma sociedade cujo mundo histórico formasse tal totalidade. Bakhtin, de certo modo convergindo para Georg Lukács e para Theodor W. Adorno, acrescenta ainda que este gênero, a epopeia, cujo principal objeto é o passado absoluto, teria se acabado, enrijecido ou até mesmo esclerosado, ou seja, não restou nada da longínqua representação épica do passado absoluto. Assim, só poderia prevalecer nas sociedades atuais o romance. Contudo apesar dessas afirmações, vem sendo publicados diversos poemas em estilo épico, como os que vamos analisar *Invenção do Mar e Latinomérica*, contrariando então tais assertivas.

Após a leitura de Candido (2009), podemos dizer que tal crítico considera também que não possa mais existir poesia épica atualmente, isso porque os poemas criados nos séculos XVII e XVIII no Brasil já não atendiam aos rigores do gênero épico. Atualmente dificilmente se encontrará poesia épica na concepção de Candido. Talvez por não se considerar que possa haver um estilo épico, mas somente o gênero puro, a epopeia clássica, neste sentido Candido procura encontrar nos épicos coloniais, *Caramuru*, *Vila Rica*, *Uruguai*, *I-Juca Pirama e Os Timbiras* epopeias como as clássicas, o que já não é mais possível devido à cultura que é representada já não ser a mesma, e nem seria possível, pois como Leite (1995) nos esclarece, Homero fez com que surgissem as teorias acerca do épico, todavia isso não quer dizer que ele tenha que ser tomado como um padrão rígido.

Então ocorre é que se mantêm algumas características da epopeia e outras não, mas ainda assim pode-se considerar a existência de um poema em estilo épico. Nesse sentido, os poemas citados anteriormente podem ser considerados poemas em estilo épico, por preservarem alguns dos fundamentos do *epos*. Mas segundo Candido o único que mais se aproximou do épico conforme suas exigências foi *Caramuru*.

Indo contra as afirmações descritas anteriormente de que o poema épico já não é mais possível é que nosso trabalho demonstra que a poesia épica ainda persiste no mundo atual de modo distinto, mas não chegando a ser outro gênero. Esse modo distinto seria o estilo épico, logo, um conjunto de traços do gênero épico, todavia híbrido a um conjunto de traços de outros gêneros, nesse caso, em grau menor. Assim pretendemos demonstrar que uma das características que persistem do épico antigo e clássico até os épicos atuais é a fundamentação na história. Para tratar dessa relação, partimos de Aristóteles (2005), Le Goff (2003), Candido (2009), Leite (1995), e outros.

Assim podemos observar em *Invenção do Mar* uma vertente contemporânea do estilo épico. Este estilo atualmente preserva algumas características do gênero épico antigo e clássico, como por exemplo, a presença de fatos históricos que permeiam toda a obra em questão, característica essa presente em poemas épicos como *Ilíada* e *Os Lusíadas*, e como exemplo de traço da contemporaneidade podemos citar a presença de forte acento de lyricização.

Com relação a que tipo de história encontramos na poesia épica, podemos pensar juntamente com Le Goff sobre as várias concepções de história, dizendo que “(...) há pelo menos duas histórias (...) a da memória coletiva e a dos historiadores” (LE GOFF, 2003, p. 29). Nesse sentido, podemos dizer que a poesia épica também faz história, pois esta se utiliza da memória coletiva como matéria para a poesia, e nos poemas em análise essa memória coletiva se faz ainda mais presente, como veremos na análise mais adiante.

A história que permeia toda a obra de Gerardo Mello Mourão é a da fundação da América, de modo progressivo e linear vai se delineando aspectos bem peculiares do Brasil, a figura indígena surge, bem como personagens de nossa história em específico, vejamos:

(...) contemplam o céu a terra e o mar  
e os homens nus e as mulheres nuas  
com seus cabelos lisos caídos sobre omoplatas morenas  
ao primeiro crepúsculo do país achado.  
E o teatro do mundo se inaugura  
naquela tarde de 1500.  
1500 – ergue-se a Europa e contempla a cena  
e esta é a platéia – 1500 -  
que arregala as pupilas para Cabral  
e inventa as coisas do mundo e celebra  
a invenção da nova terra:  
eu, Poeta, contemplo  
as testemunhas de teu nascimento, Vera Cruz.  
Este é o catálogo das testemunhas do nascimento  
do século e de teu nascimento, Santa Cruz

(MOURÃO, 1997, p. 72-73)

Identificamos aqui a descrição dos índios presentes nos países da América do Sul, e depois percebemos que se trata mais especificamente da descrição do povo encontrado no Brasil, chamada ainda de ilha Vera Cruz, primeiro nome que o Brasil recebeu.

Vemos se delinearem assim traços que nos permitem ver que é descrita a fundação de uma nação, de um povo, trazendo fatos históricos para o poema, e essa

característica é do gênero épico, que se manteve no estilo épico atual, pois nesse canto de fundação podemos ver, por exemplo, em *Os Lusíadas*, épico clássico.

Analisando *Latinomérica*, este, como poema em estilo épico, atende ao moldes antigos e clássicos no sentido de ter invocação, proposição, dedicatória e narração. *Latinomérica* difere de *Invenção do Mar* no que concerne à configuração da História presente, pois como verificamos a História em *Invenção do Mar* aparece de modo bem explícito, legível e linear. Já Marcus Accioly utiliza uma perspectiva distinta para falar da História do Brasil e da América, pois a faz surgir em meio a um poema dividido em *rounds*, como uma luta, uma conquista. Assim, Brasil e América surgem, mesclando características do gênero épico clássico, uma vez que faz uso de elementos formais clássicos do gênero épico, todavia rompe esse formalismo ao narrar *Latinomérica* como uma luta de boxe, dividida em *rounds*, intervalos, forma esta peculiar e inovadora, característica que podemos considerar de uma poética contemporânea.

Um exemplo da perspectiva distinta que dissemos que Accioly utiliza para contar a história da América é este:

Bento Teixeira (na Prosopopeia)  
Basílio (no Uruguai) e Santa Rita  
(no seu Caramuru) tua epopeia  
deixaram (com Anchieta) à praia escrita  
(Gonzaga nas paredes da Cadeia  
escreveu o poema de Marília)  
Cláudio (no Vila Rica) e os Alvarengas  
(em Glaura e Enéias) te contaram lendas

(ACCIOLY, 2001, p. 72.)

Essa parte do poema se intitula “A poesia no Brasil”. Percebemos então que o tema é o nascimento da colônia e os poetas da época figuram como os personagens. Há uma gradação temporal dos poetas, mostrando a história do Brasil por um viés distinto do tradicional, distinto, pois os poetas são os protagonistas da história. E desejando contar não só a história do Brasil, mas da América Latina também, Accioly abrange ainda mais, falando de outros poetas da América Latina, como César Vallejo (peruano).

Verificamos que há certa oposição entre *Latinomérica* e *Invenção do Mar*, quanto aos tipos heroicos que cantam, pois justamente o que Accioly não quer cantar é o que Gerardo Mello Mourão canta, os heróis consagrados:

O Creador criou o mundo

e Diônisos e Henrique e João e Manoel  
e Cristóforo e Dias e o Gama e Pedrálvares e os outros  
mediram o mundo e deram nome  
às coisas e aos lugares e às pessoas do mundo  
em terra e mar

(MOURÃO, 1997, p. 62)

Mas mesmo Accioly dizendo não querer cantar os heróis consagrados historicamente o faz falando de Zumbi dos Palmares e Tiradentes, mas também de uma forma peculiar pois esta escolha não deixa de evidenciar a preferência por figuras que não eram reconhecidas socialmente antes dos feitos heróicos e que conquistaram prestígio e admiração da sociedade por si próprios. Vejamos o trecho em que Zumbi aparece:

“uma cria de sexo masculino  
com escassos dias de existência” (no ano  
de mil seiscentos e cinqüenta e cinco)  
foi achada entre os presos de um mocambo  
palmarino e chamada de Francisco  
por seu preceptor (o padre Antônio  
Melo) sua cor negra era a da onça-  
preta ou pantera (como conta a crônica)

fugiu aos quinze anos (coroinha  
tornou-se guerrilheiro) foi *Zumbi* (...)

(ACCIOLY, 2001, p. 102)

Mas como já foi dito esse não é seu foco. Percebemos que os caminhos percorridos por cada poeta é distinto, todavia ambos não deixam de ter o fundamento histórico presente nos poemas épicos dos antigos aos contemporâneos.

Compreendemos então que o fundamento na história é uma característica que pode ser observada para se identificar uma poesia em estilo épico no mundo moderno e contemporâneo, pois ela está presente nas canônicas obras épicas antigas e clássicas, bem como nas modernas e contemporâneas. Através da leitura de Jacques Le Goff, podemos fazer algumas considerações, verificamos estar presente na poesia em estilo épico a historicidade, e esta “(...) exclui a idealização da história, a existência da História com H maiúsculo: ‘Tudo é histórico’” (LE GOFF, 2003, p. 20) Entendemos que a historicidade admite de uma forma mais abrangente os fatos como históricos, pois não idealiza a História, como algo unicamente verdadeiro. Compreendemos também que a memória coletiva presente na poesia não é a História científica, mas é parte dela, é um de seus objetos, então a poesia épica também faz história por um viés distinto da História científica, mas ambas se servem da memória coletiva.

Por fim, ainda segundo Le Goff, “A poesia, identificada com a memória, faz desta um saber e mesmo uma sabedoria, uma Sophia. O poeta tem o seu lugar entre os “mestres da verdade” (LE GOFF 2003, p. 434, apud DETIENE, 1967) Apreendemos por este trecho que a memória utilizada pela poesia também tem seu lugar legitimado como verdade, assim como a História, reconhece-se, pois, outra forma de história: a presente na poesia épica.

Voltando ao ponto de grande discussão relacionado ao poema épico, no que diz respeito a sua existência ou não e que acaba por envolver o romance, onde teóricos como Bakhtin, Hegel e Lukács afirmam que a poesia épica não mais existe e que o romance agora ocupa o lugar que antes era destinado ao épico, verificamos que isso ocorre devido a:

(...) ideia relativamente aceite, e geral, de que a epopeia, após a prática de uso e abuso a que esteve sujeita no período clássico e neoclássico, (também por reação dos românticos às regras e normas) é um gênero envelhecido, antiquado, morto. (LEITE, 1995, p. 19)

Diante de tal assertiva entendemos que há essa ideia de que o romance está no lugar do épico e pouco se tem questionado sobre isso, aceita-se então a concepção evolutiva e biologista dos gêneros. Nós não compartilhamos desta visão. Investigamos e pudemos através de Leite (1995) entender o que o que ocorreu com o poema épico: “(...) o declínio do gênero é apenas o da rigidez das normas em que foi fixado” (LEITE, 1995, p. 23). Apreendemos aqui que a rigidez do gênero épico clássico é que sofreu um declínio e não o gênero como um todo, este permaneceu, mas sem a rigidez exigida anteriormente.

Compartilhando de mais um pensamento de Leite (1995), consideramos o que ocorreu com o épico foi uma transformação e não a morte do gênero, deixou-se de ter a obra de Homero como modelo único, e não poderia ser diferente como Accioly diz: “o poema do presente já não pode ser o mesmo do passado nem o do futuro, porque o tempo de hoje já não é o mesmo de ontem nem o de amanhã” (ACCIOLY, 1977, p. 16). Fica claro na afirmação de Accioly que não há como a produção do épico pós Homero ser a mesma da época de Homero, pois o tempo não é o mesmo, nem a produção de agora será igual à futura.

Houve então no lugar da morte do gênero, uma modalização do gênero épico, usando o termo de Leite (1995), e isto é próprio da modernidade: a pluralidade, a multiplicidade que se instaura, que reorganiza não só o gênero épico, mas todos os gêneros e o próprio romance também este segundo Marthe Robert:

(...) não tem regras nem freio, sendo aberto a todos os possíveis, de certa forma indefinido de todos os lados. É esta evidentemente a razão principal de sua expansão contínua, e também de sua voga nas sociedades modernas, às quais se assemelha, quando não por seu espírito inventivo, por seu humor buliçoso e vitalidade. (ROBERT, 2007, p. 14)

Verificamos através de Robert (2007) que o romance é quase indefinível, assumindo formas diversas, não sendo mais possível tentar enquadrá-lo em qualquer definição. Compreendemos também que se torna fácil para o romance assumir o lugar não só da poesia épica, mas de qualquer gênero, pois sendo aberto a qualquer possibilidade ocorre o que Robert (2007, p. 13 e 14) pontua:

(...) o romance faz rigorosamente o que quer: nada o impede de utilizar para seus próprios fins a descrição, a narração, o drama, o ensaio, o comentário, o monólogo, o discurso; nem de ser a seu bel-prazer sucessiva ou simultaneamente, fábula, história, apólogo, idílio, crônica, conto, epopeia; nenhuma prescrição, nenhuma proibição vem limitá-lo

Podemos então nos questionar, como Marthe Robert faz, será então que podemos considerar o romance um gênero? Diante de tal abertura, de tanta maleabilidade, não deveríamos considerá-lo em sua individualidade? Apenas repetiremos o questionamento suscitado por Robert (2007), mas fazemos uma pequena reflexão de que se o romance é indefinido ou indefinível e se aceita essa característica de indefinição, devemos levar em conta a modalização do gênero épico e aceitar que há poemas em estilo épico como os que apresentamos no decorrer deste trabalho.

#### **4 CONCLUSÕES:**

Ao fim desta pesquisa podemos tecer alguns comentários relativos à poesia épica e sua pertinência no mundo atual, primeiramente pontuemos que esta poesia persiste na contemporaneidade, não na forma clássica da epopeia, mas em um estilo épico, onde se preservam algumas características do gênero épico e se misturam características de outros gêneros, como o lírico, por exemplo, todavia isso não faz com que não exista mais poesia épica, existe, o estilo épico, e o exemplo de *Invenção do Mar e Latinomérica* analisados no decorrer deste artigo nos mostraram a nova configuração da poesia brasileira contemporânea em estilo épico.



Segundo, podemos dizer que estudar poesia épica envolve discutir sua relação com a história e com o romance, mas como vimos no decorrer da explanação teórica são problemas suscitados, mas que possuem vias de discussão, como a que expomos com relação à história dizendo que o poeta épico não é historiador, tem consciência disso, apenas se vale de um fundamento histórico como ponto de partida, ou como forma de dar verossimilhança ao poema, o poeta não tem e não quer compromisso com a História científica. Já com relação ao romance, inferimos ao final que a poesia épica não deixou de existir, dando lugar ao romance, nem o romance é a evolução da epepeia, o que houve usando o termo de Leite (1995) foi uma modalização do gênero épico, natural diante toda a multiplicidade poética instaurada na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ACCIOLY, Marcus. *Poética: pré-manifesto ou anteprojeto do realismo épico (época-épica)*. Recife: Editora Universitária, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Sísifo*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1976. \_\_\_\_\_. *Latinomérica*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- ADORNO, T. W. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- ARISTÓTELES. Arte poética. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. In: \_\_\_\_\_. *Arte retórica e Arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro, s/d. p. 231-290.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: UNESP, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. (2 vol.)
- HANSEN, João Adolfo. Notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan (org.). *Épicos: Prosopopéia, O Uruguai, Caramuru, Vila Rica, A Confederação dos Tamoios, I – Juca-Pirama*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2008. p. 17-91.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Curso de Estética: o belo na arte*. Trad. Orlando Vitorino. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2002.
- LEITE, Ana Mafalda. *Modalização épica nas literaturas africanas*. Lisboa, Vega, 1995.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.
- MOURÃO, Gerardo Mello. *Invenção do mar: Carmen sæculare*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ROBERT, Marthe. *Romance das origens, origens do romance*. Trad. André Telles. São Paulo: Cosacnaify, 2008.